

## UMA GEOGRAFIA DO QUE ACONTECE E DO QUE PODE ACONTECER

### A GEOGRAPHY OF WHAT HAPPENS AND WHAT MAY HAPPEN

### UNA GEOGRAFÍA DE LO QUE PASA Y DE LO QUE PUEDE PASAR

**Leonardo Luiz Silveira da Silva**

Doutor em Geografia, Colégio Militar de Belo Horizonte  
leoluizbh@hotmail.com

**RESUMO:** As abordagens mais-que-representacionais em geografia têm sido chamadas de geografia do que acontece, o que se explica pelo seu apelo em buscar evidenciar as relações cotidianas em sua pesquisa. Recentemente, a corrente filosófica do realismo especulativo tem apresentado críticas às abordagens relacionais, tais como as que substanciam a geografia do que acontece. Este artigo, essencialmente epistemológico, busca avaliar o impacto da crítica do realismo especulativo para a discussão teórica da geografia do que acontece. Concluímos em meio à discussão proposta que as abordagens espectrais na geografia se apresentam como um atenuante na crítica e que a geografia do que acontece se torna, em meio ao ajuste frente as críticas estritamente relacionais, uma geografia do que acontece e do que pode acontecer.

**Palavras-chave:** Especulação; abordagem relacional; epistemologia.

**Palavras-chave:** Especulação; abordagem relacional; epistemologia.

**ABSTRACT:** More-than-representational approaches in geography have been called the geography of what happens, which is explained by their appeal in seeking to highlight everyday relationships in their research. Recently, the philosophical current of speculative realism has presented criticisms of relational approaches, such as those that substantiate the geography of what happens. This article, essentially epistemological, seeks to evaluate the impact of the critique of speculative realism on the theoretical discussion of the geography of what happens. We conclude in the midst of the proposed discussion that spectral approaches in geography present themselves as a mitigating factor in criticism and that the geography of what happens becomes, in the midst of the adjustment to strictly relational criticism, a geography of what happens and what can happen.

**Keywords:** Speculation; relational approach; epistemology.

**RESUMEN:** Los enfoques más que representativos en geografía han sido denominados geografía de lo que sucede, lo que se explica por su atractivo al buscar resaltar las relaciones cotidianas en sus investigaciones. Recientemente, la corriente filosófica del realismo especulativo ha presentado críticas a enfoques relacionales, como aquellos que fundamentan la geografía de lo que sucede. Este artículo, esencialmente epistemológico, busca evaluar el impacto de la crítica del realismo especulativo en la discusión teórica de la geografía de lo que sucede. Concluimos en medio de la discusión propuesta que los enfoques espectrales en geografía se presentan como un factor atenuante en la crítica y que la geografía de lo que sucede se convierte, en medio del ajuste a la crítica estrictamente relacional, en una geografía de lo que sucede y de lo que puede ocurrir.

**Palabras clave:** Especulación; enfoque relacional; epistemología.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta-se como uma abordagem que parte dos pressupostos tratados no artigo “Uma geografia do que acontece”, publicado neste mesmo periódico no volume 16, número 2, ano de 2022. Como se pretendeu estabelecer uma discussão avançada em uma temática não muito bem consolidada na geografia brasileira, optou-se por não discutir novamente os conceitos seminais da geografia do que acontece, com a intenção de fazer do primeiro artigo uma base para a articulação teórica deste segundo artigo. Desse modo, sobretudo aos iniciados na temática, recomenda-se a leitura inicial do artigo de 2022.

A geografia do que acontece é um estilo de abordagem geográfica que se centra na busca da elucidação das relações cotidianas que envolvem elementos-em-rede heterogêneos, sejam humanos ou não-humanos (PAIVA, 2017; 2018; SILVA, 2022; 2023a; 2023b; SILVA; COSTA, 2022). Consolidada nas geografias anglófonas, a abordagem em questão ainda não se encontra disseminada no ambiente acadêmico brasileiro. A geografia do que acontece é referida como teoria não-representacional ou abordagem mais-que-representacional, diferença de nomenclatura que desnuda a insatisfação de autores com a ideia de que a expressão “não-representacional” poderia significar, pelo menos aos desavisados, a concepção de que as representações não participam do conjunto analítico do campo de pesquisa (LORIMER, 2005). Utilizaremos a nomenclatura “abordagem mais-que-representacional” não somente por concordar com a crítica à expressão “não-representacional”, mas por perceber que o uso desta última tem sido preterida na literatura acadêmica – ainda que não extinta – em favor da primeira.

As abordagens mais-que-representacionais são expressas muitas vezes no plural por contemplarem um conjunto muito variado de pesquisas que entendem que as representações não são capazes de expressar a realidade (JACKSON, 1991; DENZIN, 2002; FLAHERTY, 2002; SILVA, 2023c), sendo tão somente formas de elaboração que participam da vida-em-rede e afetam os actantes<sup>1</sup> emaranhados nas teias de relações (EDENSOR, 2005). Assim, parte-se do pressuposto de que o social não pode ser presumido (COWAN; MORGAN; MCDERMONT, 2009) bem como as considerações ontológicas<sup>2</sup> sobre fenômenos, coisas e eventos não são capazes de conter as múltiplas significações que advêm das posições anguladas daqueles que participam das redes.

A natureza relacional das abordagens mais-que-representacionais faz com que parte expressiva dos investigadores utilize pressupostos consagrados pela teoria ator-rede (TAR), que se desenvolveu no âmbito da sociologia. Isso significa que os geógrafos fazem uso de um jargão próprio da análise relacional que envolve conceitos como afeto, *performance*, *affordances* e *assemblages*<sup>3</sup>. Analisando os efeitos sobre os humanos, credita-se às relações a irrupção de sentidos, crenças e valores que expressam o círculo afetivo-performático<sup>4</sup>. Sabe-se, assim, que as abordagens mais-que-representacionais partem do pressuposto que as relações entre os actantes

---

<sup>1</sup> Termo que aborda a heterogeneidade dos elementos que se associam em redes, aplicando-se a humanos e não humanos (DE CAMILIS; BUSSOLAR; ANTONELLO; 2016).

<sup>2</sup> Na literatura anglófona é bastante utilizada a expressão *taken it for granted* para aludir às construções ontológicas. Uma tradução literal da expressão seria “tomado como certo”, o que aludiria a um entendimento de que fenômenos, coisas ou eventos podem ser descritíveis e esgotáveis nas narrativas, passíveis de serem essencializados. O uso da expressão “considerações ontológicas” se refere às elaborações que partem dos pressupostos de que os fenômenos, coisas ou eventos são essencializáveis. Chamamos a atenção para este ponto porque a palavra ontologia possui elasticidade em seu significado e estamos utilizando um recorte do universo semântico similar ao uso feito por Don Mitchell (1995) em sua crítica “as abordagens ontológicas” da cultura.

<sup>3</sup> Estes termos, centrais para a geografia mais-que-representacional, são elucidados no artigo “Uma geografia do que acontece”, publicado neste mesmo periódico no volume 16, número 2, ano 2022.

<sup>4</sup> A expressão ciclo-afetivo performático é construída a partir da intenção de concatenar processos e expressar uma dialética que envolve o ato de performar, o afeto que é gerado a partir dele e o estímulo às novas performances oriundas dos estímulos afetivos.

esgotam a possibilidade de existir, pensar e ser, dando contornos à geografia do que acontece.

Recentemente, no campo da filosofia, desenvolveu-se o realismo especulativo, campo de baixa penetração no Brasil e, considerando a interface dos seus pressupostos com a dimensão geográfica, se apresenta como extremamente incipiente. Vê-se que na literatura anglófona os trabalhos que versam sobre as relações da geografia e do realismo especulativo também não são muitos, podendo ser destacadas as contribuições de Brad D. Baumgartner (2012), Dallas Rogers (2018), Sean Metzger (2022) e James Ash e Rachel Gordon (2023). O realismo especulativo permite, mediante a costura do seu fio argumentativo basilar, questionar as abordagens estritamente correlacionistas<sup>5</sup>. Esta crítica coloca em xeque a concepção de que a geografia do que acontece preconizada pelas abordagens mais-que-representacionais teria a capacidade de contemplar o absoluto. Assim, torna-se evidente que uma marca do realismo especulativo é a consideração da relevância daquilo que está além do círculo correlacional. Isto não significa dizer que as correlações são desprovidas de valor, mas significa uma postura que transcende o âmbito das relações.

Mediante a consideração dos pressupostos do realismo especulativo, este artigo, essencialmente epistemológico, avalia o impacto desta corrente filosófica para as abordagens mais-que-representacionais. É de se considerar que as chamadas geografias espectrais (DEGEN; HETHERINGTON, 2001; MADDERN; ADEY, 2008; MCCORMACK; SCHWANEN, 2011; MCCORRISTINE; ADAMS, 2020; SILVA; COSTA, 2024), que constituem um subcampo da pesquisa mais-que-representacional, apresente como tendência a atenuação das críticas especulativas. Tal assertiva se explicaria pelo fato da crença do impacto de distintas temporalidades sobre a leitura de um preciso recorte temporal necessariamente extrapolar o círculo correlacional. Afinal, o passado e o futuro podem se esconder no âmbito do visível, mas ainda assim estarem presentes como afetividades que ajudam a explicar *performances*. A partir da concepção de que a extrapolação das relações não são desprezíveis, deveríamos falar de uma geografia do que acontece e do que pode acontecer.

Nossa estratégia discursiva parte da ideia de que as geografias mais-que-representacionais não se apresentam como uma negação das representações; além disso, há de se apontar que as considerações que estão além do círculo correlacional entre actantes não são consensuais no seio de suas abordagens. Posteriormente, no tópico seguinte, apresentaremos as premissas do realismo especulativo e de que forma sua crítica apresenta o potencial de desarticular os pressupostos mais-que-representacionais. Antes de tecermos as considerações finais, traremos a reflexão acerca da possibilidade das geografias espectrais atenuarem a crítica não-correlacionista que atinge as geografias mais-que-representacionais.

## 2. O NÃO-REPRESENTACIONAL E O MAIS-QUE-REPRESENTACIONAL

O alerta de Hayden Lorimer (2005) acerca de uma eventual inadequação do termo não-representacional empregado no âmbito do acrônimo TNR não significa dizer que Nigel Thrift cometeu um equívoco. É provável que Thrift tenha arquitetado o termo ao postular que as representações não são capazes de esgotar as possibilidades trazidas pelas relações e a irrupção de afetos e *performances* no seio de arranjos relacionais heterogêneos. Mas é claro que Thrift tem a compreensão de que as representações não são excluídas da vida relacional e mostrou esta noção em muitas oportunidades em um conjunto expressivo de trabalhos (THRIFT, 2000; 2003; 2004; 2008; 2009). Todavia, sobretudo aos desavisados, o alerta de Lorimer (2005) faz sentido:

---

<sup>5</sup> O correlacionismo é um dogmatismo filosófico composto por um conjunto de pressupostos relacionais: neste domínio, a realidade é dada pelas relações, o que é distinto da crença em uma análise baseada na dimensão tomada-como-certa, que nem sempre é capaz de explicar a performance humana.

o acrônimo pode fazer entender que o estilo de pensamento mais-que-representacional é uma negativa à participação de representações na vida relacional.

De forma similar, no seio da discussão trazida pelo realismo especulativo, por vezes é empregado o termo não-correlacionista (MEILLASSOUX, 2008 [2006]; NUNES, 2018); este qualitativo não significa um desprezo aos produtos advindos das relações; diferentemente, significa uma descrença a ideia de que as relações podem ser tratadas como um absoluto que esgota as possibilidades de ser, viver, sentir e pensar.

É importante apontar que a dimensão mais-que-representacional em suas abordagens geográficas, apesar de ser composta de múltiplas abordagens dotadas de métodos diferentes, não é marcada pela ideia de que existe relevância fora do círculo relacional. Podemos apontar exceções, justamente pela alardeada pluralidade de abordagens mais-que-representacionais, incluindo aquelas que gravitam em torno das ideias defendidas pelas geografias espectrais. Todavia, achamos importante neste trecho do artigo apontar que se constituir como uma abordagem mais-que-representacional não significa, necessariamente, ser capaz de extrapolar o círculo relacional. *Au contraire*, a alcunha de geografia do que acontece atribuída às abordagens mais-que-representacionais aludem à montagem do cotidiano por meio de interações relacionais.

### 3. O REALISMO ESPECULATIVO E A CRÍTICA AO CORRELACIONISMO E ÀS ABORDAGENS MAIS-QUE-REPRESENTACIONAIS

A ascensão e disseminação do realismo especulativo permitiu que os pressupostos da virada relacional passassem a ser questionados de forma incisiva (BENSUSAN, 2018). A crença nas abordagens relacionais é pautada pelo domínio da metafísica da subjetividade, que considera as correlações entre os elementos como absolutas, cosmológicas, enfim, componentes de tudo aquilo que é possível conhecer. As estratégias relacionais partem da premissa de que não podemos pensar em um mundo sem humanos e, inversamente, tampouco podemos abstrair a ideia de humanos sem um mundo. Esta perspectiva, bastante influenciada pela filosofia kantiana, foi chamada de correlacionismo pelo filósofo francês Quentin Meillassoux, “que utilizou seu livro *Após a Finitude* e do realismo especulativo<sup>6</sup> para fazer do correlacionismo seu inimigo mortal” (HARMAN, 2012, p.184).

A expressão metafísica da subjetividade desnuda o caráter arbitrário do levantamento das relações por parte de um pesquisador que abraça os pressupostos correlacionais. Rumming (2009) sugere que para traduzir redes de relacionamentos heterogêneos, pesquisadores devem elencar o que chamou de *first-order approximations*, que seria as escolhas de relações que são mais relevantes diante de tudo o que pode ser levantado. Esta estratégia também chama a nossa atenção para o caráter arbitrário das abordagens relacionais, fazendo com que a hierarquização das relações se torne um exercício subjetivo. Meillassoux (2018) trata o conjunto de relações entre elementos correlacionados como uma forma não-materialista de absolutismo. O princípio desta forma não consistiria em pretender pensar um absoluto não-correlacional, mas em

---

<sup>6</sup> A ontologia orientada a objetos (OOO) é vista como um subcampo inserido no interior do realismo especulativo (HARMAN, 2013; 2017) e evita a ideia de que as relações entre o homem e o mundo sejam a base para o estabelecimento de quaisquer outras relações. A OOO parte do pressuposto que toda leitura acerca dos objetos é enviesada: não poderíamos ter acesso às coisas em si, somente vislumbramos as coisas tal como elas se aparentam a nós (HARMAN, 2013). O caráter especulativo da OOO se manifesta à medida que se defende que os objetos são mais do que os efeitos que causam em outros objetos (HARMAN, 2013) e também em outros elementos associados aos arranjos relacionais heterogêneos. A OOO também é chamada de ontologia plana, à medida que não cria uma diferença hierárquica entre o inanimado e os seres vivos (HARMAN, 2015). Assim, apesar do seu nome, a OOO não recusa o ser humano como um vetor importante de sentido, mas descarta o seu monopólio (PINHO, 2023).

intencionar em posicionar a correlação subjetiva como a versão correta do absoluto.

O realismo especulativo – corrente filosófica de baixa penetração nos estudos geográficos (ASH; GORDON, 2023) – critica a possibilidade de compreender a realidade tendo como base exclusiva as relações estabelecidas entre elementos arranjados em rede. Aplicando a reflexão nas abordagens relacionais da geografia, é importante destacar que existe alguém que tem o papel de definir quais são as relações relevantes entre os elementos que devam compor a geografia do que acontece. Mas, o realismo especulativo vai além, não somente por trazer como pressuposto que existem fenômenos interpretáveis que podem ficar de fora de nossa análise, mas por também incluir a possibilidade de participação daquilo que é impossível conhecer mediante à finitude humana. A proposição pragmática de uma “geografia do que acontece” associa-se ou – na melhor das hipóteses – prioriza as relações que animam não somente a vida social, mas tudo aquilo que podemos conhecer.

Meillassoux argumenta na obra em questão que a “revolução transcendental consistiu não só em desqualificar o realismo ingênuo da metafísica dogmática, mas também em redefinir a objetividade fora do contexto dogmático” (MEILLASSOUX, 2008, p.12). Acrescenta-se que no contexto do realismo especulativo, a inesgotabilidade do objeto, bem como dos conceitos de “ser” e “mundo” fazem com que no máximo tais conceitos/significados sejam um modelo simplificado de uma realidade mais profunda, fundamentalmente inacessível.

Conceber uma “geografia do que acontece” baseada nas relações sociais visíveis (ou nos efeitos visíveis destas relações sociais) traz questionamentos sobre o que pode existir para além do olhar e, ao mesmo tempo, lança dificuldades quanto à capacidade do discurso de representar o “invisível”: como saberemos se uma realidade invisível existe? Quem pode determinar se o invisível existe ou não? (VANDENBERGHE, 2002).

Mesmo sendo uma corrente relativamente nova de pensamento, o realismo especulativo tem sido sabatinado a partir de distintas visões que buscam ajustar discursos. Rodrigo Nunes (2018) acredita que o centro da crítica de Meillassoux (2008 [2006]) já é focado em uma premissa que pode ser desqualificada. Na visão de Nunes, a especulação é uma necessidade interna do próprio correlacionismo, que não apresentaria a fixidez e concretude qualificadas por Meillassoux. Assim, o autor de *Após a finitude* teria concedido ao correlacionismo votos de solidez e inexpugnabilidade aos quais nunca teve. Deste modo, Meillassoux faria um heroísmo fora de lugar: ao invés de um gesto dramático a favor do rompimento do círculo correlacional, talvez o que falte é a percepção de que este círculo nunca se fechou de verdade.

Independente deste imbróglio acerca das possibilidades da especulação no interior do correlacionismo, somos instados a pensar a influência dos pressupostos do realismo especulativo para as abordagens relacionais na geografia. A despeito de sua pluralidade metodológica, é plausível afirmar que as abordagens geográficas mais-que-representacionais estão fortemente empenhadas em compreender as relações cotidianas entre elementos-em-rede, aparentemente não dando crédito ao que está fora do círculo relacional. Entretanto, as abordagens mais-que-representacionais partem do pressuposto de que os arranjos relacionais heterogêneos são efêmeros o suficiente para que as descrições e conclusões acerca das relações dos elementos-em-rede sejam apresentadas de forma sempre instável. Esta é a razão para que os arranjos relacionais heterogêneos sejam vistos em uma descrição como *frames* e em um intervalo como um conjunto de trajetórias inquietas. Assim, a abordagem mais-que-representacional na geografia trata de um correlacionismo que não reifica, ou que pelo menos não deveria reificar, já que as abordagens deste campo geográfico são muito variadas e não falamos por todos que enveredam nas leituras relacionais.

É necessário destacar a existência de planos entrecruzados envolvendo os arranjos relacionais heterogêneos. Isso significa que uma *assemblage* jamais pode ser considerada como um cosmo independente, visto que outros arranjos incluem elementos que dela participam. Assim, o afeto e a *performance* – subprodutos das relações em rede – jamais podem ser

explicados somente pela configuração das *assemblages*, o que nos leva a questionar suas limitações e possibilidades. Todavia, é importante destacar que a oposição ao correlacionismo vai além de questionar relações que sejam ocultas; para além disso, criticam a ausência de peso daquilo que não se relaciona e que, portanto, não é aparente.

No seio das geografias mais-que-representacionais, a preocupação das chamadas geografias espectrais com o impacto de distintas temporalidades sobre o afeto e a *performance* em dado corte temporal é uma forma de extrair o não-correlacionado. O que pertence ao passado, já se foi, e se um dia se apresentou como uma relação, em dado corte temporal pode não mais ser. Já o que pertence ao futuro, é especulativo, e cumpre uma lacuna da crítica não-correlacionista. Nesse sentido, consideramos que a dimensão analítica do que é espectral considera o domínio especulativo, ainda que não possamos esgotá-lo ou mesmo ter esta pretensão. De forma similar, a noção de que o afeto e a *performance* não são absolutamente congruentes já indicam a existência de um substrato especulativo, que neste texto ousamos considerá-lo como afeto residual.

#### 4. AS GEOGRAFIAS ESPECTRAIS COMO ATENUANTE MAIS-QUE-REPRESENTACIONAL AO NÃO-CORRELACIONISMO

Nigel Thrift (1999) vê como limitação da TAR – corpo teórico que inspira diversas abordagens relacionais – o fato de muitas aplicações da teoria em questão centrarem na busca de arranjos de temporalidades precisamente situadas. Estes *frames* relacionais extraídos pela tradução das redes obliteram uma dimensão muito importante do arranjo social, que é abarcada pelos movimentos mais longos das trajetórias. Corre-se o risco dos cortes temporais analisados chegarem a conclusões que não conseguem de fato ser representativas de movimentos mais amplos das relações (SILVA, 2024).

Nigel Thrift e John-David Dewsbury (2000) utilizaram a expressão “geografias mortas” em um texto de apresentação de uma edição da revista *Environmental and Planning D: Society and Space*. Na lógica das geografias mortas, o espaço geográfico é visto como um signo passivo e não como um operador ativo que se torna abrigo e agente do afeto e da *performance* (THRIFT; DEWSBURY, 2000). A oposição entre ser visto como um signo ativo ou operador ativo nos leva a Augustin Berque, tanto na sua proposição de ver a paisagem como marca e como matriz (BERQUE, 1984) quanto na conceituação de *trajeção*<sup>7</sup> (BERQUE, 2017): para o autor, a paisagem não é meramente um espaço que armazena marcas deixadas pelos atores que nele se relacionam, mas é também um palco que afeta os atores e os inspira a performar sob a égide deste afeto, formando uma espécie de ciclo afetivo-performático. Assim, ver o espaço como um signo ativo significa não somente ser um repositório das ações humanas, mas ser capaz de influenciar novas performances. Esta é uma lógica na qual o ambiente é uma extensão da mente; no sentido inverso, a mente é uma extensão do ambiente (WYLIE, 2007).

Para além das geografias mortas, fala-se das geografias vivas e espectrais (SILVA; COSTA, 2024): as geografias vivas partem do pressuposto de que os arranjos são frames de trajetórias e que a realidade está sempre se reajustando caleidoscopicamente. Sofisticando ainda mais esta forma de apreender o espaço, as geografias espectrais partem dos pressupostos das geografias vivas e acrescentam que impactos de temporalidades distintas – seja do passado ou do futuro de um determinado corte temporal de análise – contribuem para o arranjo do ciclo afetivo-

<sup>7</sup> A *trajeção* é um processo que rejeita a separação mente e matéria: trata-se de um percurso no qual a mente estimula nossa *performance* na paisagem e esta, uma vez performada, inspira nossas elaborações mentais, num *looping* infundável (SILVA, 2024).

performático que enovela actantes em arranjos relacionais heterogêneos.

A nomenclatura “espectral” deriva da influência de Jacques Derrida (1994 [1993]), pontualmente colhida a partir da obra *Specters of Marx*. Neste trabalho, o autor estabelece uma reflexão sobre temporalidades que se aglutinam e afetam ao seu modo certo recorte temporal. As geografias espectrais são elaborações mais-que-representacionais: faz parte de sua abordagem o reforço da justaposição do mundo material frente à imaterialidade representacional, afetual e emocional (MCCORMACK, 2010), bem como é ressaltada as respostas individualizadas frente o dinamismo do círculo afetivo-performático.

Kevin Degen e Monica Hetherington (2001) ressaltam que o passado fala conosco por intermédio da arquitetura, fazendo jus à escola de leitura paisagística da paisagem-como-texto (ROWNTREE, 1986; COSGROVE; JACKSON, 1987; DUNCAN; DUNCAN, 1988; COSGROVE, 1990). Utilizando uma figura de linguagem, é plausível afirmar que até mesmo o futuro pode falar conosco, à medida que tendências arquitetônicas podem ser percebidas e anúncios sobre o porvir podem povoar a dimensão simbólica e conseqüentemente afetivo-performática.

Quando se fala sobre os significados simbólicos da paisagem, nos veem à mente os pressupostos da nova geografia cultural, que trouxeram por meio de suas reflexões noções muito interessantes sobre os efeitos do simbolismo para a comunicação e o estabelecimento de políticas de manipulação social<sup>8</sup>. Mas as abordagens espectrais surgiram no seio de elaborações mais-que-representacionais; isso significa dizer que as variações identitárias na análise são prioritárias (em detrimento das elaborações do impacto do simbolismo nas coletividades<sup>9</sup>) e que sujeito e o mundo estão simbioticamente ligados, rompendo com a lógica sujeito-objeto que durante tanto tempo prevaleceu nos estudos culturais geográficos.

Derek P. McCormack e Tim Schwanen (2011) apontam que o nosso processo decisório sempre possui a interferência de outras temporalidades que se fundem em um momento do *continuum* espaço-temporal. Em suas palavras, “a decisão não é um ponto de referência estável” e, portanto, se apresenta como “um evento espectral, dificilmente fixado ou isolado em um momento delimitado” (MCCORMACK; SCHWANEN, 2011, p.2801). As geografias espectrais operam a leitura espacial considerando o impacto de presenças e ausências em um dado lugar ao longo da passagem do tempo. Parte-se da premissa que os passados e futuros revelam uma relação suplementar com o presente: por isto, as geografias espectrais distorcem as percepções do espaço-tempo (MADDERN; ADEY, 2008).

A experiência do espaço e lugar é sempre assombrada pela espaço-temporalidade não coincidente, que, por sua vez, é marcada pela interseção entre o passado e o futuro<sup>10</sup> e pela produção de resultados imprevisíveis<sup>11</sup> (MCCORMACK, 2010a). Complementando estas argumentações,

<sup>8</sup> Denis Cosgrove (1982), por exemplo, analisou detidamente a transformação do arranjo paisagístico de Veneza, outrora cidade de forte vocação mercantil, miticamente consolidada na contemporaneidade como portadora de atmosfera romântica e sexual. Destaca-se também no âmbito do contexto aqui enfatizado o trabalho de James Duncan (1990) no Sri Lanka.

<sup>9</sup> Isto não significa dizer que o impacto das coletividades sobre o sujeito são desprezíveis. Diferentemente, é de se reconhecer que a vida social é extremamente afetiva. Todavia, as respostas identitárias aos múltiplos afetos que cotidianamente assediam as pessoas precisam ser vistas de forma mais pormenorizada do que é apresentado pelas representações da opressão e do oprimido. É de se lembrar que as pessoas participam de múltiplos arranjos relacionais e esta situação é a que garante a diversidade representacional e interpretativa. Este alerta não impede que se possa, mesmo no âmbito dos pressupostos mais-que-representacionais, hierarquizar fontes afetivas.

<sup>10</sup> Silva, Costa e Clemente (2023) analisaram, mediante os pressupostos espectrais, de que forma a expectativa de nossa finitude nos afeta e nos incita a performar.

<sup>11</sup> As abordagens espectrais diferem das hauntológicas já que esta última se refere – pelo menos ao que consta no artigo de Elisabeth Roberts (2012) publicado na prestigiosa revista *Progress in Human Geography* – exclusivamente ao estudo das imagens visuais na geografia humana: “Como fantasmas, as imagens possuem um status intermediário e elusivo, assombrando a dimensão material e imaterial, o real e o virtual. As imagens são tanto teorizadas como vivas ou mortas, representação e apresentação” (ROBERTS, 2012, p.1).

Shane McCorristine e William Adams (2020) salientam que as geografias espectrais são interessadas em compreender como o afeto da ausência – impacta nas memórias, nos materiais e na paisagem. É um contexto que inspira Rachel Busbridge (2014) a avaliar os impactos do abandono do povoado de Lifta<sup>12</sup> na Palestina ocupada à memória e ao afeto das pessoas que se relacionam com suas ruínas. É interessante pensar que a base do pensamento pós-colonial parece exigir como fundamento a consideração da espectralidade (RIAD; JACK, 2021). As relações entre colonizadores e colonizados se estabeleceram temporalmente situadas: seus registros e sequelas materiais e imateriais se expressam noutras temporalidades (MAWANI, 2012). Em suma, as ruínas sempre testam a espectralidade (MCCORMACK, 2010b).

Interessa-nos a este ponto do texto refletir de que forma as abordagens espectrais atenuam as críticas elaboradas pelo realismo especulativo ao correlacionismo. Julgamos que a preocupação da chamada geografia espectral quanto à incidência de temporalidades distintas sobre o corte temporal analisado cumpre bem as lacunas daquilo que é especulativo e que pode ser relevante aos arranjos analisados. O que já se foi e o que estar por vir são geralmente ocultos ao tradutor de um arranjo relacional heterogêneo, muitas vezes por não estar evidente nas relações. Afetos de distintas temporalidades nem sempre são facilmente discerníveis, mesmo para as pessoas que falam sobre o seu cotidiano. Acreditamos, inclusive, que esta é uma grande questão da geografia espectral: como acessar os recônditos da mente alheia buscando a expressão do afeto de outras temporalidades que residem no subconsciente? Não é de se estranhar que um número significativo de geógrafos tenha buscado se aproximar da neurociência e da psicologia.

É de se notar que é largamente difundido o fato do conceito de afeto apresenta-se como portador de uma dupla camada: a consciência e a subconsciência (BARNETT, 2008). A dupla camada do afeto já aponta para a existência de um campo afetivo que não necessariamente se materializa nas práticas. Entrevistas bem estruturadas podem servir para a revelação de forças afetivas que não se revelaram por meio das ações. A problemática centra-se na dimensão não-humana e acentua-se particularmente quando falamos de actantes inanimados.

Para além do que pode ser acessado por meio de práticas interdisciplinares que incluem a interface com a psicologia, é importante pontuar que o realismo especulativo também considera a participação daquilo que não pode ser acessado na construção do ciclo afetivo-performático. Pensamos em nossa própria morte sem termos a experiência dela. Neste exercício de abstração, nos falta aquilo que seria necessário para que a morte fosse cognitivamente registrada. Por intermédio deste exemplo, vemos que não devemos ter a pretensão de esgotar o todo, mas de contemplar o que não foi experienciado de forma epistemologicamente possível. O fato de não ter tido a experiência com a morte, não nos impossibilita de falar sobre ela, assim como podemos também falar sobre aquilo que esteja fora do plano das relações. Entretanto, se faz necessário desenvolver metodologias que busquem o que se encontra externamente às relações que seja relevante para explicar comportamentos, ações e estados emocionais. Não é o pesquisador que deve definir isso *a priori*, e sim as investigações que transferem o máximo de responsabilidade possível aos sujeitos investigados na pesquisa. Esta estratégia – no âmbito da dimensão relacional mais-que-humana – se transforma em um exercício ainda mais árduo, justamente por ser necessário avaliar os animais, objetos, vegetais e forças elementais a partir de processos distintos da leitura do ciclo afetivo-performático.

<sup>12</sup> Situado nas cercanias de Jerusalém, Lifta – um povoado de origem palestina – foi evacuado por forças de ocupação israelenses à época da fundação do Estado moderno de Israel. As ruínas ainda presentes em Lifta atualmente apresentam-se como fissuras que evidenciam um desacordo profundo entre os beligerantes (BUSBRIDGE, 2014).



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O realismo especulativo não defende que a análise das relações em rede seja inútil; entretanto, abre a possibilidade para considerarmos a atuação de elementos, eventos ou fenômenos que estejam além das relações como relevantes na leitura do espaço-tempo sitiado. O caráter cirúrgico do recorte espaço-temporal desconsidera tanto as trajetórias dos elementos-em-rede quanto o alcance espacial. Ainda que se fale em termos teóricos que os arranjos relacionais heterogêneos não possuem escala, é plausível considerar que elementos muito distantes associados à relação somente passam a ser percebidos se de fato forem muito atuantes. Acreditamos que existe uma tendência para que elementos de frágil participação – pela lógica da arbitrariedade dos termos de análise sejam obliterados em detrimento dos elementos mais atuantes.

Assim, o realismo especulativo apresenta-se como uma importante sinalização para a realização da geografia do que acontece. Talvez, mediante a consideração dos pressupostos do realismo especulativo, podemos falar de uma *geografia do que acontece e do que pode acontecer*. Os fragmentos da experiência, que se acumulam em camadas não necessariamente simétricas em nossa mente, estão além da dimensão meramente relacional: incluem deduções que estão além da finitude humana, em dimensões que podemos pensar, mas jamais conhecer.

## REFERÊNCIAS

- ASH, James; GORDON, Rachel. Geographies of the event? Rethinking time and power through digital interfaces. **Cultural Geographies**, v.30, i.1, p.3-18, 2023.
- BAUMGARTNER, Brad D. Potentiality of the present: Exploring speculative realism VIA spatial theory. **Institute of Human Geography**, v.5, i.1, p.36-41, 2012.
- BARNETT, Clive. Political affects in public space: normative blind-spots in now-representational ontologies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.33, n.2, p.186-200, April, 2008.
- BENSUSAN, Hilan. O realismo especulativo e a metafísica dos outros. **Eco-pós**, v.21, n.2, p.94-110, 2018.
- BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, paysage-matrice: Eléments de problématique por une géographie culturelle. **L'espace géographique**, tome 13, n.1, p.33-34, 1984.
- BERQUE, Augustin. A cosmofoania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v.7, n.2, p.4-16, Inverno, 2017.
- BUSBRIDGE, Rachel. On haunted geography: writing nation and contesting claims in the ghost village of Lifta. **Interventions – International Journal of Postcolonial Studies**, v.17, n.4, p.469-487, 2015.
- COSGROVE, Denis. The myth and the stones of venice: an historical geography of a symbolic landscape. **Journal of Historical Geography**, v.8, n.2, p.145-169, 1982.
- COSGROVE, Denis. ...Then we take Berlim: cultural geography 1989-90. **Progress in Human Geography**, v.14, i.4, p.560-568, December, 1990.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. New Directions in Cultural Geography. **Area**, v.19, n.2, p.95-101, June, 1987.

COWAN, Dave; MORGAN, Karen; MCDERMONT, Morag. Nominations: An Actor-Network Approach. **Housing Studies**, v.24, n.3, p.281-300, 2009.

DE CAMILLIS, Patrícia Kinast; BUSSULAR, Camila Zanon; ANTONELLO, Claudia Simone. A agência a partir da Teoria Ator-Rede: reflexões e contribuições para as pesquisas em administração. **Organizações & Sociedade**, v.23, n.76, p.73-91, 2016.

DEGEN, Monica; HETHERINGTON, Kevin. **Spatial Hauntings**. *Space and Culture*, i.11-12, p.1-6, 2001.

DENZIN, Norman K. Confronting ethnography's crisis of representation. **Journal of Contemporary Ethnography**, v.31, n.4, p. 482-484, August, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Specters of Marx**. New York e Abingdon: Routledge, 1994, 258p.

DUNCAN, James. **The city as a text: The Politics of Landscape Interpretation in the Kandy Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. (Re)reading the landscape. **Environmental and Planning D. Society and Space**, v.6, p.117-126, 1988.

EDENSOR, Tim. Waste matter – the debris of industrial ruins and the disordering of the material world. **Journal of Material Culture**, v.10, n.3, p.311-332, 2005.

FLAHERTY, Michael G. The crisis in representation: a brief history and some questions. **Journal of Contemporary Ethnography**, v.31, n.4, p. 479-482, August, 2002.

HARMAN, Graham. The Well-Wrought Broken Hammer: Object-Oriented Literary Criticism. **New Literary History**, v.43, n.2, Spring, p.183-203, 2012.

HARMAN, Graham. Na outline of object-oriented philosophy. **Science Progress**, v.96, n.2, p.187-199, 2013.

HARMAN, Graham. Object-Oriented Ontology. (in): HAUSKELLER M. et.al. (eds.). **The Palgrave Handbook of Posthumanism in Film and Television**, 2015.

HARMAN, Graham. Object-Oriented Ontology and Commodity Fetishism: Kant, Marx, Heidegger, and things. **Eidos: A Journal for Philosophy of Culture**, v.2, p. 28-36, 2017.

JACKSON, Peter. Guest Editorial: The crisis of representation and the politics of position. **Environmental and Planning D, Society and Space**, v.9, p.131-134, 1991.

LORIMER, Hayden. Cultural geography: the busyness of being “more-than-representational”. **Progress in Human Geography**, v.29, i.1, p.83-94, 2005.

MADDERN, Jo Frances; ADEY, Peter. Editorial: spectro-geographies. **Cultural Geographies**,

v.15, p.291-295, 2008.

MAWANI, Renisa. Specters of indigeneity in British-Indian Migration, 1914. **Law & Society Review**, v.46, n.2, p.369-403, 2012.

MCCORMACK, Derek P. Fieldworking with Atmospheric Bodies. **Performance Research**, v.15, i.4, p.40-48, 2010a.

MCCORMACK, Derek P. Remotely Sensing Affective Afterlives: The Spectral Geographies of Material Remains. *Annals of the Association of American Geographers*, v.100, n.3, p.640-653, 2010b.

MCCORMACK, Derek P; SCHWANEN, Tim. Guest editorial: The space-times of decision making. **Environment and Planning A**, v.43, i.12, p.2801-2818, 2011.

MCCORRISTINE, Shane; ADAMS, William M. Ghost species: spectral geographies of biodiversity conservation. **Cultural Geographies**, v.27, n.1, p.101-115, 2020.

MEILLASSOUX, Quentin. **After Finitude: An Essay on the Necessity of Contingency**. London and New York: Continuum, 2008.

MEILLASSOUX, Quentin. Iteração, reiteração, repetição - Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido. **Eco-pós**, v.21, n.2, p.12-93, 2018.

METZGER, Sean. Speculative Geographies and the Horizons of Performance Studies. **Nordic Theatre Studies**, v.34, n.2, p.6-17, 2022.

MITCHELL, Don. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, new series, v.20, n.1, p.102-116, 1995.

NUNES, Rodrigo. O que são ontologias pós-críticas? **Eco-Pós**, v.21, n.2, p.111-142, 2018.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LII, n.106, p.159-168, 2017.

PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LIII, n.107, p. 159-168, 2018.

PINHO, Thiago. Para além da paranoia epistêmica: Graham Harman e a Teoria Social Orientada ao Objeto (T.S.O.O). **Veritas**, v.68, n.1, p.1-16, 2023.

RIAD, Sally; JACK, Gavin. Tracing the Sphinx from symbol to specters: reflections on the organization of geographies of concern. **Culture and Organization**, v.27, i.3, p.240-266, 2021.

ROBERTS, Elisabeth. Geography and the visual image: A hauntological approach. **Progress in Human Geography**, v.37, i.3, p.1-18, 2012.

ROGERS, Dallas. Assemblage theory and the ontological limitations of speculative realism. **Dialogues in Human Geography**, v.8, i.2, p.244-247, 2018.

ROWNTREE, Lester. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.10, n.4, p.580-586, 1986.

RUMING, Kristian. Following the actors: mobilising an actor-network theory methodology in geography. **Australian Geographer**, v.40, n.4, p.451-469, 2009.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Uma geografia do que acontece. **Revista Geográfica Acadêmica**, v.16, n.2, p.72-85, 2022a.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **A excepcionalidade da paisagem e do lugar: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades**. Belo Horizonte e Montes Claros: Letramento e Editora IFNMG, 2023a, 790p.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Elucidando as Teorias não-representacionais. **Geotemas**, v.13, n.1, p.e02301, 2023b.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A crise das representações: repercussões para a geografia. **Casa de Geografia de Sobral**, v.25, n.3, p.206-221, 2023.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **Espaços-Tempos: uma geografia dos fragmentos da experiência**. Belo Horizonte e Montes Claros: Letramento e IFNMG, *forthcoming*, 2024, 192p.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Reflexões sobre a geografia do afeto: a excepcionalidade identitária em meio às distorções do espaço-tempo. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, v.42, e190818, 2022.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Geografias mortas, vivas e espectrais: formas de apreender o espaço. **Caminhos de Geografia**, v.25, n.97, p.213-230, 2024.

SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo; CLEMENTE, Carlos Magno Santos. A expectativa da finitude: afeto e performance à sombra do porvir. **Boletim Paulista de Geografia**, v.1, n.110, p.211-232, 2023.

THRIFT, Nigel. The Place of complexity. **Theory, Culture & Society**, v.16, i.3, p.31-68, 1999.

THRIFT, Nigel. Afterwords. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.18, i.2, p.213-255, April, 2000.

THRIFT, Nigel. Performance and .... **Environment and Planning A: Economy and Space**, v.35, i.11, p.2019-2024, 2003.

THRIFT, Nigel. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler**, v.86, i.1, p.57-78, March, 2004.

THRIFT, Nigel. **Non-representational theory: Space/politics/affect**. London: Routledge, 2008.

THRIFT, Nigel. Understanding the affective spaces of political performance. (in): SMITH, Mick (et.al). **Emotion, Place and culture**. Farnham: Ashgate Publishing, p.79-96, 2009.



THRIFT, Nigel; DEWSBURY, John-David. Dead Geographies –and how to make them live. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.18, p.411-432, 2000.

WYLIE, John. The spectral geographies of W.G. Sebald. **Cultural Geographies**, v.14, p.171-188, 2007.